

ESPANCA, Florbela. *Obras Completas de Florbela Espanca. Livro de “Soror Saudade”* (organização, fixação crítica dos textos e notas de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva). Lisboa: Estampa: Lisboa, 2012.

Anamarija Marinoviæ¹
(Univ. de Lisboa- CLEPUL)

Seguindo a ordem cronológica da publicação, o *Livro de “Soror Saudade”* de Florbela Espanca é a sua segunda obra em verso que revela ao mesmo tempo uma continuidade na linha de pensar, sentir e exprimir as suas inquietações, como também representa um determinado amadurecimento como escritora. De acordo com o mesmo modelo e estrutura adotados no primeiro volume das *Obras Completas*, especialistas renomeados são convidados a escreverem os estudos introdutórios, destacando-se entre eles a própria organizadora Cláudia Pazos Alonso, que esclareceu a “irmandade” espiritual entre Florbela e Camões, bem como alguns outros grandes vultos da literatura portuguesa com os que a autora dialoga criando

¹ Doutoranda da Universidade de Lisboa- CLEPUL.

a sua poesia. Por seu turno, Derivado dos Santos se debruça sobre o problema das experiências e procuras místicas na sua poética; já António Cândido Franco aproxima o leitor da temática da saudade e da especificidade da “saudade louca” que impregna os versos desta obra.

Na perspectiva de Cláudia Pazos Alonso, a poesia de Florbela Espanca caracteriza-se por um “sistema de máscaras” que variam entre a freira mística, enclausurada num convento, e a princesa encantada, outra vez encerrada e escondida no seu castelo. O fio condutor entre estas duas faces do “eu” poético de Florbela é a clausura, o que atribui aos seus versos uma forte nota lírica, intimista, introspectiva, filosófica e sempre virada para o interior, para as profundezas da alma e do coração. O que parece importante salientar é que tanto as imagens do convento como as da torre ou castelo aparentemente oferecem firmeza, constância e segurança ao sujeito lírico dos poemas, estando ao mesmo tempo feitas de materiais frágeis (de marfim, de névoa). Este contraste implica a noção da fugacidade e de pontos sólidos de referência aos quais a alma que procura estabilidade, plenitude e realização a todos os níveis se poderia agarrar. Com razão Derivaldo dos Santos afirma que este volume de poesia revela um mundo no domínio do modo conjuntivo, um “como se fosse” que paira entre a realidade e o sonho, entre a contradição daquilo que é e aquilo que se poderia ou deveria ser.

Uma outra constante neste volume de poesia é a frequência das ocorrências do vocabulário do domínio da religiosidade cristã, o que não se pode interpretar como um reflexo da religiosidade pessoal e fortemente vivida de Florbela, porque, pelo que se sabe da sua vida, ela não era particularmente crente e muito menos praticante da religião católica. As cidades alentejanas onde nasceu, Vila Viçosa, e onde morou, Évora, são tradicionalmente berço da religiosidade cristã no sul de Portugal. Este imaginário e terminologia que impregnam os seus versos no *Livro de “Soror Saudade”* têm uma particularidade importante: do cristianismo, o seu “eu” lírico absorveu apenas as associações com a dor, o sofrimento, a penitência,

o recolhimento, sem a grandeza da ideia da salvação, da ressurreição e da redenção de culpas e pecados. Esta poderia ser uma das razões pelas quais a sua saudade é “louca”, sublinhada várias vezes mediante o advérbio “doidamente”. Através da saudade, dum lembrar e esquecer constante, o sujeito poético procura o além, o absoluto e o infinito. É justamente por isso que António Cândido Franco afirma que: “A Saudade pela memória é irmã gémea da eternidade” (p.72)

Outras duas máscaras que há que salientar no universo poético de Florbela, que se manifestam claramente neste livro são a mulher sensual que “bebe a Vida a longos tragos”, desfrutando do prazer e da volúpia das “horas rubras” e a poeta (a duas verdadeiras faces de Florbela?) que se contrapõem (e talvez contradizem) ao desejo de sofrer, estar isolada e mergulhada na solidão e no isolamento de um convento ou torre imaginada. Uma característica destas duas imagens notavelmente oposta às primeiras imagens é o desejo de se anunciar, revelar, de se expor, de estar *em público*, mostrando ao mundo a sua capacidade de amar, de ser amada, de procurar, de ser encontrada, aceite ou rejeitada, mas ser vista como ela é, na plenitude dos seus defeitos e virtudes humanas. Daí a significativa presença da visão, dos olhos e do olhar nos seus versos que compõem o *Livro de “Soror Saudade”*. Trata-se do olhar do *Outro*, neste caso do amado sobre ela e do olhar do sujeito lírico sobre o *Outro*. Neste jogo múltiplo de ver, olhar, observar, ser visto, esconde-se uma variedade de significados e interpretações de sentimentos e reações: frieza, desejo, desprezo, erotismo, idealização, desorientação, procura, ilusão, felicidade, transitoriedade de belos e plenos momentos na vida. Este olhar varia entre “os olhos frios como espadas”, “o olhar eterno” comparado com o repouso das folhas sobre os lagos, um olhar através da janela, da cela ou da torre, um olhar de olhos “límpidos, doces, languescetes”; olhar saudoso que cora os olhos do amado de horas passadas, ausências e saudades; o não-olhar (os olhos fechados para não verem os sofrimentos no mundo e a sedução satânica). Tudo isto revela a complexidade do mundo interior, por vezes impenetrável do sujeito lírico deste volume de poesias.

Com todo o rigor científico e acadêmico, com o aparato crítico bem desenvolvido e fundamentado, esta obra oferece mais uma leitura única e à sua maneira completa do sempre atual *Livro de “Soror Saudade”*, que inscreveu Florbela Espanca num patamar alto e privilegiado entre os e as grandes poetas portuguesas e que a definiu como uma figura inevitável no cânone literário lusófono.